

Flávio R. Kothe

32

Fala-se em *fake*, mas não se admite que milagres de Cristo ou hagiografias de santos poderiam ser *fakes* também. As religiões treinaram, no entanto, os políticos no sentido de esperarem que se acredite no que dizem, por mais absurdo que seja. Com que concepção de verdade se tem operado? É possível “operar” com ela, como se coisa fosse, um instrumento? Ou ela nos é, nos abrimos à verdade que em nós assoma e se torna palavra e imagem?

Para os gregos, verdade era a revelação do ser dos entes. Na Idade Média se impôs a doutrina da fé como verdade. A verdade saiu das coisas para o texto sagrado. Princípios de crença não são, porém, verdades e sim projeções de desejos inconscientes e inconfessos. Não é porque uma comunidade inteira acredita neles que eles já se tornam verdadeiros. Os paralogismos impeoaram entre nós. Ao achar que a verdade está na palavra, no discurso, acha-se que algo é verdadeiro só porque se diz. *Fake News* imperam, mas poucos estão dispostos

a aprender que eles sempre imperaram nas várias religiões, nos diversos regimes políticos, nas versões viáveis de história. O país vai perder a oportunidade de desenvolver a razão crítica.

A noção de *veritas* como adequação entre coisa e intelecto é problemática, pois aquilo que a coisa é e aquilo que está na mente nunca são o mesmo (o *ad aequum*, mesmo que a matemática diga que os termos de uma equação seriam equivalentes). Descartes, ao desviar a fonte da verdade para o sujeito que pensa, não repensou o que se entendia por verdade. Repetiu até a equação presente em Tomás de Aquino e Agostinho: $2 + 3 = 5$. Deus continuava sendo a garantia de que isso seria verdadeiro, quer o sujeito estivesse acordado ou dormindo. Só que um conjunto de $2 + 3$ não é igual a um conjunto de 5 ! Faz-se de conta que são, embora não sejam. O próprio conceito de verdade é falso. Isso Nietzsche já viu, mas não é lembrado.

33

Para a escolástica, a tese da identidade repousava na identidade absoluta de Deus: $A = A$. Era uma ideologia conservadora, pois pretendia que o que tivesse nos bons tempos sido considerado verdadeiro deveria ser para o todo e sempre. Postulava, no entanto, que teria havido primeiro um Deus sozinho, sucedido por um Deus que desenvolveria as “ideias” das coisas como formas puramente espirituais; haveria depois um Deus que transformaria esses “projetos” em coisas, criando o universo, e mais tarde se daria ao trabalho de criar o homem, insuflando-lhe uma alma divina. Teria tido, ainda, o serviço de aniquilar pelo dilúvio uma raça que não tinha dado certo.

Para o cristianismo, surgiu ainda um Deus que, diferente de Jeová, seduziu uma virgem do templo para fazer um filho, a fim de vê-lo sofrer na cruz.

O que se modifica está no tempo, não é eterno. Haveria, nessa sequência, não só A e sim A₀, A₁, A₂, A₃, A₄. O povo atual não lhe daria sossego, fazendo-o intervir na história, um A₅. Em suma, Deus não seria A = A. O que muda está no tempo, não é eterno.

O idealismo alemão, na leitura canônica, teria baseado seu sistema no fundamento de que eu = eu. Se A não é = A, eu não é = eu, um eu não é igual a outro eu. O pressuposto disso parece ser que o eu seria a manifestação da alma e que ela seria eterna. Na primeira edição da *Crítica da razão pura*, Kant observou que, na empiria, um eu não é igual a outro eu. Todos dizem eu de si, nenhum é igual ao outro. Ao longo da vida, as pessoas vão mudando, deixam de ser como eram. O eu não é mais idêntico a quem ele já foi. Arrepende-se de modificar de tal modo que não se faria mais o mal que se fez. Assim, o eu perde a sua identidade absoluta consigo mesmo. Os pietistas acharam que seria perder a alma imortal. Kant tratou de retificar sua obra.

Fichte disse que o eu gera o não-eu, mas o não-eu também gera o eu. Surgem, assim, duas assertivas anti-téticas, sendo ambas verdadeiras. Isso seria inaceitável para a lógica escolástica. A dialética do juízo sintético se impôs ao mero desdobramento do analítico. Por outro lado, se o não-eu passa a fazer parte do eu no processo de conhecimento, há uma dimensão de não-eu que foge à consciência do eu. Fichte descobriu o inconscien-

te. Para Nietzsche, este passou a fazer parte do sujeito cognoscente. Não haveria mais, portanto, “in-divíduo”, “á-tomo”, “uni-verso”. Certezas evolaram.

Para a concepção de verdade se teve em 1927 a contribuição de Martin Heidegger sobre “alétheia”, a revelação, o desencobrimento da coisa. Que a clareira seja a verdade da floresta é uma assertiva dele bastante repetida no Brasil, mas já sofreu a argumentação contrária, de que a clareira não é a verdade da floresta, e sim a sua exceção, ou, como disse Paul Celan, “diz a verdade quem sombras diz”. O Heidegger II se caracterizou pela insistência na noção de que o direcionar o olhar numa direção serve para não ver outras direções, que o desvelar certos aspectos de algo pode servir para velar outras dimensões, por vezes até mais cruciais.

O ser humano que se conhece na história deveria ser superado por uma espécie melhor. O vírus tem no último ano desenvolvido cepas cada vez mais eficazes e, portanto, mais nocivas. Será o *homo sapiens* a cepa mais virulenta que a natureza desenvolveu contra si mesma? Por volta de 1800, Friedrich Schlegel viu o homem como um retro-olhar criativo da natureza sobre si mesma. A pergunta hoje é se ele não é antes o agente mais destrutivo que ela desenvolveu. A proposta romântica permitia ver na arte o modelo da ação criativa, mas a pergunta hoje é se a arte pode ainda ser usada para justificar o mau homem da história.

Estamos perplexos diante de arrogantes que se consideram donos da verdade e dos caminhos da história, enquanto vão destruindo o que de melhor se construiu. Eles correspondem, no entanto, à formação do

país. O zelo pela qualidade de vida não foi levado em conta quando se espalharam cidades pelo Brasil. Foram construídas em torno de templos, cujas torres apontavam que a vida mais importante seria depois da morte. Assim, a vida real já estava degradada, embora seja a única que as pessoas possam ter.

Regatos e rios foram reduzidos por todo o país a esgotos a céu aberto. A crença na Divina Providência faz com que se pense viver no melhor dos mundos possíveis. O que iluministas como Voltaire e Diderot escreveram a respeito não costuma ser ensinado nas escolas brasileiras. É difícil assumir que se é parte de um povo crédulo, atrasado, tosco.

A diretriz religiosa, posta no *Gênesis*, “crescei e multiplicai-vos” fez as famílias terem 10, 12 14 e filhos, achando que, quanto mais se multiplicassem, mais estariam cumprindo a vontade de Jeová. Isso gerou cidades em número e tamanho crescentes, o que pressionou a expansão urbana na horizontal e na vertical. O deus não disse, porém, se a multiplicação deveria ser por 100, por 5, por 0,5 ou 0,1.

Quem habita apartamento não tem espaço para muitos filhos. Melhor ter menos filhos e criá-los melhor. O controle de natalidade tornou isso possível e necessário. No futuro, haverá mais espaço para menos gente. Cidades terão de diminuir no tamanho para aumentar a qualidade de vida, que se torna tempo de vida. O tempo de vida média do brasileiro tem, no entanto, caído; a qualidade de vida da maioria, também. Somos fracos e frágeis, naufragos: tentamos, no entanto, nadar, como a querer provar que ainda estamos vivos.